

Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e cibercultura¹

trajetória, modelos e vetores metodológicos

Sivaldo Pereira da Silva²

Este artigo tem o objetivo de elaborar uma análise sobre as atuais configurações metodológicas dos estudos empíricos em cibercultura, a partir e dentro da perspectiva do campo da Comunicação. Além de tentar pontuar brevemente as possíveis fases, os aspectos teóricos e pragmáticos que marcaram este segmento de pesquisa durante os últimos anos, o paper tenta identificar e classificar alguns dos principais modelos de abordagem empírica mais consolidados hoje, com suas respectivas características e preocupações. A partir deste panorama, chama-se a atenção para a centralidade de alguns elementos de fundo que podemos qualificar como “vetores-chaves” nas pesquisas empíricas desta área de expertise. Tais concepções se configuram como nós estruturantes, necessários a uma melhor compreensão do desenvolvimento metodológico e podem contribuir para uma maior clareza do horizonte de pesquisa e para uma melhor elaboração dos métodos de coletadas de dados.

Palavras-Chave: Cibercultura. Metodologia. Internet

Introdução

As implicações sociais, econômicas, políticas e culturais das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) constituem hoje um campo expressivo de estudos que vem ganhando corpo e forma principalmente a partir da década de 90. Em termos gerais, as diversas áreas de conhecimento foram afetadas, ainda que em profundidade e alcance distintos, por essas inovações. Embora este campo de pesquisa esteja avançando e se afirmando como um segmento imprescindível para se compreender a vida moderna, sua expansão também exige olhares mais cuidadosos acerca dos direcionamentos e características deste processo.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

² Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Bolsista do CNPq. sivaldop@yahoo.com

Com tal contexto em mente, este artigo tem o objetivo de elaborar, a partir e dentro da perspectiva do campo da Comunicação, um quadro analítico sobre as atuais configurações metodológicas dos estudos empíricos em cibercultura. O trabalho não se propõe a elaborar uma completa cartografia dos tipos e formas de pesquisas empíricas existentes hoje, ou realizar uma análise profunda deste histórico. Também não visa discutir teorias metodológicas. Busca traçar um esboço do atual empirismo do campo, pontuando alguns padrões e alguns elementos considerados mais importantes para os estudos pragmáticos, com o objetivo de colaborar, ainda que sucintamente, para uma melhor compreensão desta área de conhecimento.

Neste sentido, o *paper* está estruturado em três partes. Na primeira seção, será delineada uma breve análise sobre a recente trajetória da pesquisa empírica em comunicação e cibercultura, principalmente nos últimos 15 anos. Num segundo momento, com esse olhar histórico esboçado, tentar-se-á identificar os principais formatos de abordagens empíricas hoje adotados por este conjunto de pesquisas, tentando enquadrá-los em modelos segundo suas ênfases e características. Por fim, na terceira e última parte, serão pontuados quatro nós inerentes à estruturação da pesquisa empírica, que estariam no centro das preocupações, dos avanços e dos entraves metodológicos atuais. Esses “nós” seriam “vetores-chaves” úteis para se compreender melhor estes modelos predominantes.

1.0 Um breve olhar sobre uma trajetória

A consolidação e o crescimento dos estudos em comunicação e cibercultura estão intimamente ligados à difusão da Rede Mundial de Computadores ou da chamada *world wide web*, sobretudo a partir da década de 1990. A popularização da Internet e as suas potencialidades comunicacionais despertaram o interesse de diversos pesquisadores de diferentes áreas, que testemunharam o surgimento de um novo meio de comunicação em larga escala, capaz também de configurar-se como um novo ambiente de sociabilidade; de conversação; de debate político, de armazenamento e fluxo de informação; um ambiente multimídia, caracterizado pela possibilidade de interação ampla e a distância, sem intermediações ou atravessadores. Pelo menos essas eram as projeções predominantes até

boa parte da década de 90, com forte propensão para conclusões mais positivas do que negativas, acerca dos efeitos desta nova ferramenta de comunicação.

Dos estudos de caráter ensaístico do final dos anos 80 e início dos anos 90 – cujo olho estava focado no objeto projetado - até os trabalhos de caráter dissertativo deste início de século XXI – cujo foco está no objeto prospectado – há mudanças significativas. Há também menos vislumbre e mais cautela científica no campo. De certo modo, esse deslocamento reflete a própria dinâmica de desenvolvimento do *medium*. Cohen-Avigdor & Lehman-Wilzig (2004), por exemplo, acreditam que a Internet repete o mesmo ciclo de vida de outros meios: (1) invenção técnica; (2) penetração; (3) crescimento; (4) maturidade; (5) auto-defesa; (6) adaptação³. Para eles, as Tecnologias da Informação e Comunicação já teria atingido este sexto estágio.

Caminhando em paralelo a esta perspectiva, Wellman (2004) estima que podemos pensar hoje em três idades dos estudos em Internet: a primeira teria seu ápice até meados da década de 1990, no contexto da transição da Internet do uso acadêmico para a sua abertura comercial. Neste primeiro momento, as análises seriam marcadamente mais idealizadoras quanto às potencialidades e horizontes do novo *medium*: tais estudos estavam mais tendenciosos a suposições, prognósticos ou até mesmo ao futurismo⁴. Também é nesta fase que começa a se formar um “*ethos* do ciberespaço” - com seus princípios e bandeiras - juntamente com a retórica do sublime tecnológico (CAREY, 2005).⁵

A segunda idade dos estudos em Internet, proposta por Wellman, estaria circunscrita principalmente no final da década de 1990 e início dos anos 2000, com suas conexões globais, inserindo-se no dia a dia do cidadão⁶. É nesta fase que poderíamos identificar a consolidação do ciberespaço como um ambiente de conexão pública e também como objeto de pesquisa empírica de fato, chamando a atenção de governos, empresas, movimentos sociais e estudiosos para maiores impulsos de apoderamento. Aqui, ocorrem os grandes

³ Este último estágio que compreenderia tanto um certo grau de estabilidade quanto a sua obsolescência, em alguns casos.

⁴ Embora as idealizações de teor positivo ganhassem maior espaço e maior visibilidade, também existam as distopias: para alguns, as possibilidades interativas do novo meio poderiam trazer o enfraquecimento da vida face a face, dos laços sociais ou gerar distorções culturais, políticas ou educacionais a longo prazo (ver POSTMAN, 1992; BUCHSTEIN, 1997; VIRILIO, 1999; WOLTON; 2001; DEAN, 2003).

⁵ Sobre as diferentes retóricas que marcaram o imaginário da cibercultura, ver LEMOS, 1999.

⁶ The second age of internet studies has been devoted to documenting this proliferation of internet users and uses. It has been based heavily on largescale surveys, originally done by marketing-oriented firms (and with some bias towards hyping use), but increasingly done by governments, academics, and long-term enterprises (...) (WELLMAN, 2004, p. 126)

investimentos privados e estatais em desenvolvimento técnico e em projetos pilotos como cidades digitais, governança eletrônica, além da apropriação mais sólida da Rede por movimentos anti-globalizações e pelos diversos atores sociais. Como explica o autor, neste momento, os estudos na área estariam preocupados justamente em catalogar esta expansão, principalmente identificando as características e peculiaridades dos novos usuários e o conseqüente o surgimento de novos padrões de usabilidade.

A terceira fase desses estudos, estaria já estaria em curso desde os meados desta década, agora, caracterizada por uma maior maturidade metodológica e por maiores dimensões analíticas, coincidindo com a complexificação técnica e social das TICs (mobilidade, indexação, convergência etc.)⁷.

Embora estas taxonomias cronológicas sobre uma possível evolução tanto da Rede como dos estudos sobre Cibercultura e Internet possam ser estipulações nem sempre exatas ou definitivas, sua utilidade está em apontar a existência de algum deslocamento nos padrões dessas pesquisas na linha do tempo. Dificilmente pode-se afirmar que não existiram fases ou estágios de mutação desta área de conhecimento nos últimos anos, assim como, dificilmente pode-se pressupor que a sucessão de tais estágios ocorreu de forma linear ou que o surgimento de um suplantou a existência do anterior. De todo modo, estas transformações confluíram para o surgimento de diversos *fronts* de pesquisa empíricas em comunicação e cibercultura com ênfases e focos diferenciados, mas que coexistem e se relacionam. Na próxima secção, tentar-se-á esboçar algumas dessas linhas metodológicas, avaliadas aqui como mais relevantes.

2.0 Identificando principais abordagens empíricas

Atualmente, é bastante problemático uniformizar, a partir de uma única definição, as características dos estudos empíricos em Comunicação e Cibercultura. As pesquisas têm se

⁷ Now, the real analysis begins with more focused, theoretically-driven projects. (...). As an overarching thought, we believe that the evolving personalization, portability, ubiquitous connectivity, and wireless mobility of the internet is facilitating a move away from interactions in groups and households, and towards individualized networks. The internet is helping each person to become a communication and information switchboard, between persons, networks, and institutions. (WELLMAN, 2004, p. 127)

desenvolvido em diversas frentes, focadas em variados aspectos que emergem no cerne e no entorno da comunicação mediada por estas novas tecnologias. Em um estudo quantitativo sobre as publicações na área entre 1996 e 2000, Kim & Weaver (2002) constatam, no período, uma expressiva abrangência temática, teórica e metodológica do campo⁸. Embora as análises de Kim & Weaver não sejam definitivas e tenha atualmente uma defasagem de 7 anos, o estudo comprova uma complexificação deste segmento que precisa ser acompanhado com maior acuidade e cautela.

Observando o volume de publicações mais recentes e sem partir de uma avaliação quantitativa, pode-se afirmar que a persistência dessa complexidade continua avançando. No que se refere às tendências dos estudos empíricos, é possível organizar ou sintetizar cinco linhas mais recorrentes, que serão chamadas aqui de *abordagens de teor metodológico*, cuja existência vem ganhando espaço e se afirmando principalmente nos últimos anos:

Abordagens de teor cartográfico – trata-se de pesquisa direcionada ao mapeamento de elementos existentes na rede (ou subjacentes a ela), como tipos e características de conteúdo, ferramentas de interação, identificando as potencialidades de apropriação comunicativa de determinados gêneros (como *blogs*, jornalismo *on line*, cibercidades, fóruns virtuais, etc) pelo usuário. Embora neste método de abordagem também haja análises sobre as funções e as significações dos objetos identificados, há uma preocupação mais catalográfica, com foco em sua morfologia e possíveis mutações do meio⁹.

Abordagens de teor opinativo (sondagens) – com o foco mais voltado para o usuário, esta linha de análise tem utilizado sondagens de opinião, as chamadas “*surveys*” para colher ou analisar dados. Trata-se da análise de informações coletadas através de banco de dados de institutos nacionais de pesquisas, incursões através ligações telefônicas, questionários aplicados em determinado conjunto de indivíduos ou entrevistas. Neste tipo de estudo,

⁸ Os autores demonstram que diferentes tópicos, teorias e metodologias têm sido utilizadas nos estudos sobre Internet no período. Do ponto de vista da forma metodológica, 26.7% dos artigos analisados usam métodos quantitativos de análise de dados e 72.9% métodos não-quantitativos (p. 528). Eles identificam através de tabelas o percentual de tópicos mais abordados nos trabalhos (como leis e políticas públicas, usos e percepções, economia, política, questões culturais, questões históricas e filosóficas, efeitos da internet nos indivíduos e nas organizações, questões técnicas em geral etc.). Também mapeiam as teorias mais adotadas nesses estudos (como usos e gratificações, teoria democrática, processos da informação; hegemonia; agenda *setting*, etc.).

⁹ Alguns trabalhos que utilizam esta abordagem metodológica: LEMOS et. al, 2004; SILVA, 2005; BECKERS et al, 2000; FREY, 2002; WEARE et al (1999); DAHLBERG, 2001; CONWAY, 2002; ERICA, 2004.

pressupõe-se certa relevância do recorte analisado, isto é, o *corpus* empírico adotado geralmente segue padrões estatísticos que asseguram alguma validade e expressividade da amostragem diante do universo pesquisado. A partir dos dados colhidos, são realizadas análises sobre a forma como os entrevistados se posicionam em relação ao uso e efeitos da Internet em seus cotidianos ou em eventos específicos como eleições, referendos etc.¹⁰

Abordagens de teor focal - trata-se de um direcionamento de pesquisa que adota a metodologia de “grupos focais” para extrair dados sobre as características de comportamento, formação de opinião ou imaginário do usuário a partir dos processos de comunicação *on line*. Os grupos focais, anteriormente utilizados em outras pesquisas no campo da comunicação, consistem na seleção de um conjunto reduzido de usuários (ou até mesmo de não-usuários) que são legitimados como um *corpus* significativo não pela quantidade de atores abordados, e sim pela possibilidade do desenvolvimento de uma pesquisa mais qualitativa, observando os pormenores da apropriação das TICs por esses indivíduos e suas atitudes perante tal processo¹¹. Geralmente, os indivíduos são postos em contato entre si em situações de conversação, para que possa se observar mais detidamente os pormenores de suas visões, imaginário e repercussões de suas apropriações das TICs ou os efeitos sociais de determinados conteúdos consumidos através da Rede.

Abordagens de teor textual – o que podemos chamar aqui de “textualidade” deve ser compreendido no sentido mais amplo, não apenas como um conjunto ordenado de fala concretizado em palavras, mas também incluindo objetos sonoros, imagens e outras linguagens. Alguns estudos empíricos, principalmente no âmbito da *world wide web*, têm adotado a análise textual como fonte de dados para averiguar as características da comunicação mediada por computadores. Este tipo de *front* metodológico irá se concentrar nas significações, nos mecanismos de funcionamento e encadeamentos cognitivos do conteúdo e na sua textualidade. Enquanto a pesquisa cartográfica está preocupada em

¹⁰ Alguns trabalhos que utilizam esta abordagem metodológica: PARKS, M. & FLOYD, 1996; SMITH, 1997; YUN & TRUMBO, 2000; TEO, 2001; PARK, 2002; BOUWMAN & WIJNGAERTKATZ, 2002; LaROSE & EASTIN, 2004; VALKENBURG et al, 2005; KANTZ & SUGIYAMA, 2006; KENSKI & STROUD, 2006.

¹¹ Alguns trabalhos que utilizam esta abordagem metodológica: BRUCE, 1999; STROMER-GALLEY & FOOT, 2002; WILSON et al, 2003; RICHARDSON et al, 2005; EASTIN et al, 2006; OLSSON, 2006

detectar, situar, tipificar e quantificar elementos as abordagens textuais irão se ater mais localizadamente na singularidade e nas narrativas inerentes a elementos cartografados¹².

Abordagens de teor comparativo - um outro *front* de pesquisa, bastante difundido nos estudos sobre comunicação e ciberespaço, é a análise comparativa, tanto dos elementos internos a essas novas tecnologias quanto – e principalmente – da relação que se estabelece entre TICs e outras mídias (como TV, rádio, jornal etc). Das noções de analogia, bastante presentes nos primórdios da Internet, aos estudos atuais sobre adaptação, convergência e transformações que o *medium* sofre e causa em outros meios, há aqui uma longa trajetória¹³. Esta forma de abordagem empírica tem suas inspirações nos estudos de comunicação comparada, também relativamente tradicionais no campo da comunicação.

As opções por um ou outro *front* metodológico estão, no fundo, ligadas às dimensões básicas do processo comunicativo. As abordagens de sondagem e focais estão mais absorvidas em analisar os agentes na comunicação mediada por estas tecnologias (é o que podemos chamar aqui de estudos de recepção). Os *fronts* cartográficos e textuais têm se concentrado nos formatos de mensagens que trafegam no ciberespaço, em suas dimensões morfológicas e suas significações. As análises com viés comparativo frequentemente se ocupam da dinâmica que se estabelece no canal configurado por estas TICs.

As incursões metodológicas resumidas aqui não representam opções unidirecionais da pesquisa empírica em Comunicação e Cibercultura. Tratam-se de abordagens mais consolidadas hoje – ou pelo menos, as mais recorrentes - e que podem ser utilizadas simultaneamente em um mesmo trabalho¹⁴. O que acontece na maioria dos casos é que,

¹² Alguns trabalhos que utilizam esta abordagem metodológica: WILHELM, 1999; MITRA, 1999; CROWSTON, K. & WILLIAMS, 2000; TANNER, 2001; PALFREYMAN & KHALIL, 2003; KANAYAMA, 2003; CAMPBELL, 2005, CAMPBELL, 2006.

¹³ Alguns trabalhos que utilizam esta abordagem metodológica: JOHNSON et ali, 1999; KAYANY & YELSMA, 2000; SPINELLI, 2000; DUTTA-BERGMAN, 2004; WHITE, 2006.

¹⁴ Por exemplo, Kayany & Yelsma (2000) utilizam dados de sondagens (*surveys*) conciliando uma preocupação em colher dados comparativos sobre o tempo gasto e o modo como os residentes em domicílios usam a internet em relação aos diversas outros medias (jornal, TV, rádio etc).

geralmente, uma dessas frentes prevalece sobre as outras ou apenas uma é prioritariamente utilizada no decorrer do estudo¹⁵.

Embora estas abordagens estejam interligadas e susceptíveis a influências e complementações mútuas, acredita-se que, no planejamento da pesquisa empírica, deva-se observar de que forma cada uma dessas linhas de ações pode contribuir para a execução de uma coleta de dados, capaz de demonstrar as diferentes faces do fenômeno analisado. Obviamente que nem sempre uma determinada abordagem poderá ser aplicada devido à própria natureza do *corpus* empírico ou em razão do limite e do horizonte estabelecidos no trabalho.

No aprofundamento da pesquisa, a observação e a aplicabilidade dessas opções de abordagem empírica precisam também estar acompanhadas de um olhar anterior sobre as premissas, os problemas, dilemas e mecanismos que estão no fundo de cada um desses modelos. Há determinados eixos ou nós que repercutem diretamente ou indiretamente neste horizonte de pesquisa. Na seção seguinte, tentar-se-á esclarecer quais seriam esses nós mais fundamentais, o que eles implicam e qual a sua relevância para o avanço desses estudos empíricos.

3.0 Apontando vetores-chaves

As preocupações de cada abordagem metodológica estão intimamente relacionadas à própria complexidade que caracteriza hoje as Tecnologias da Informação e Comunicação. A Internet, por exemplo, não deve ser tratada como um meio de comunicação monolítico e dificilmente pode ser apreendida a partir de generalizações unívocas: precisa ser vista como um conjunto de formas midiáticas com sua multiplicidade interna, que possuem características específicas, embora estejam sob a tutela de um mesmo suporte tecnológico (LIEVROUW & LIVINGSTONE, 2002, p. 6). Esta face pluriforme da Rede implica em diversos nós metodológicos que reforçam a necessidade e a legitimação dos diferentes *fronts* de estudos empíricos. A existência desses nós é o que podemos denominar de “vetores-

¹⁵ É possível também notar tendências de adoção de uma abordagem ou outra em determinados ambientes acadêmicos. Livingstone (2003: 157) avalia que isso estaria ocorrendo, por exemplo, nas opções pelo desenvolvimento de pesquisas empíricas com grupos focais (mais qualitativas) no ambiente europeu de um lado; e as opções pela coleta e análise de dados de *survey* (mais qualitativos) na pesquisa norte-americana de outro.

chaves” da estruturação das pesquisas empíricas, isto é, componentes mais centrais dos processos de comunicação no ciberespaço sobre os quais estão questões, problemas, dilemas, escolhas e caminhos adotados por um determinado estudo pragmático. É possível detectar quatro vetores-chaves neste panorama: a) *design*; b) conteúdo; c) apropriação e; d) fluxo comunicativo. Cada um desses itens não são uma exclusividade das TICs: poderiam ser encontrados na dinâmica de outros meios de comunicação, seja analógico ou eletrônico. No caso específico dos estudos empíricos em comunicação e cibercultura, a importância destes itens está justamente no seu caráter básico. O seu exame mais concentrado pode refinar e reforçar os alicerces da pesquisa:

a) **Design** – como todo artefato tecnológico, as tecnologias da comunicação e informação são resultado de um projeto, com suas concepções, intuitos, direcionamentos e limites. O formato técnico do meio de comunicação é o seu primeiro impulso real de existência e, embora não seja determinante, é um componente inerente a sua estruturação. É neste desenho técnico que estarão delimitadas as fronteiras da potencialidade comunicativa deste meio. As inovações técnicas serão fenômenos posteriores capazes de causar a diminuição ou o crescimento deste território de possibilidades. Ocorre que nem sempre este potencial é realizado de fato, porque há outros atores neste jogo, principalmente nos casos que um objeto é projetado para um determinado fim, mas é utilizado cotidianamente para outro¹⁶. Isso implica, quase sempre, em dilemas éticos ou deontológicos: qual o papel do *design* nestes fenômenos? Há limitações éticas para o desenvolvimento de determinada ferramenta de comunicação, independente de suas repercussões sociais? Até que ponto o estudo sobre o *design* da mídia pode contribuir para a compreensão dos processos e dos fenômenos de comunicação na Rede? São algumas das linhas de questionamento que se inserem neste vetor metodológico.

O nó do *design* permeia hoje boa parte das pesquisas empíricas em Comunicação e Cibercultura. Em parte, isso se explica porque o projeto técnico do meio está intimamente vinculado às prescrições normativas construídas em torno deste *medium*, isto é, repercute diretamente nas suas deontologias. Isto ocorre hoje em pesquisas que abordam temas como democracia digital; governo eletrônico; movimentos sociais e Internet; pluralidade sócio-

¹⁶ Por exemplo, as potencialidades interativas de produção, armazenamento e circulação de informação do ciberespaço também são bastante utilizadas por grupos racistas, terroristas ou pedófilos (SCHIMIDTKE, 1998; CONWAY, 2002; CAMPBELL, 2006).

cultural através das TICs etc. A maioria destes estudos discutem explicitamente potencialidades, normatividade, deontologia, limites éticos mas estão discutido, ao mesmo tempo e implicitamente, *design*.

b) Conteúdo – o segundo nó a ser também constantemente desatado nas pesquisas empíricas em comunicação e cibercultura consiste naquilo que podemos chamar de conteúdo, ou seja, a estruturação lógica ou simbólica da mensagem através de determinadas linguagens. Se o *design* determina as características e potencialidades comunicativas do canal, o conteúdo se insere nesta estrutura e está mais fortemente vinculado aos efeitos sociais e cognitivos do processo de comunicação. Ocorre que, diante da complexidade da Rede, existe uma infinidade de formas e tipos de conteúdo, tanto do ponto de vista da diversidade das linguagens utilizadas (som, texto, imagem, realidade virtual, etc) quando da coexistência de variadas estruturações de falas, narrativas ou concatenamentos simbólicos (*blogs*, fóruns, comunidades *on line*, *web-sites*, listas de discussão, *chats*, teleconferências, jogos em rede, jornalismo na *web*, etc). A percepção desta multiplicidade e a identificação de uma microfísica do conteúdo acabam se tornando um ponto-chave da pesquisa empírica no ciberespaço. Algumas questões se erguem aqui: conteúdos que se estruturam de forma diferente também requerem métodos específicos de coleta de dados ? O que o conteúdo pode provocar e de que forma isso ocorre ou quando ocorre? Qual o papel da estruturação narrativa do conteúdo na Rede?

c) apropriação – o terceiro elemento-chave, disposto neste horizonte empírico de pesquisa, está centrado naquilo que foi historicamente denominado de “recepção”, isto é, como o conjunto de indivíduos consome o conteúdo ordenado no *medium* e quais as repercussões sociais disto. Para que o processo de comunicação faça sentido é necessário que haja um indivíduo que receba tais mensagens, que dê significado a ela e que possa transformá-la eventualmente em atitude na esfera social. Ocorre que o que podemos chamar de audiência pode interferir decisivamente no processo de comunicação a depender de suas características sociais, culturais, políticas, étnicas, econômicas etc. Ou seja, há formas distintas de apropriações comunicativas em relação a uma ferramenta ou conteúdo disponível através destas novas tecnologias, podendo inclusive subverter os objetivos iniciais contidos em seu próprio *design* técnico. Além de tudo, a apropriação nas TICs não pode ser compreendida

apenas como recepção em *stricto sensu*: apropriar-se significa receber, produzir e circular conteúdo, e aqui temos uma diferença fundamental no que se refere aos meios de comunicação tradicionais. Em muitos estudos, a preocupação com a atitude do usuário perante a Rede e sua influência na formatação do uso cotidiano dessas novas tecnologias tem levantado questões centrais de pesquisa, como avalia Olsson (2006, p. 614)¹⁷.

d) **fluxo comunicativo** – a confluência entre canais técnicos, conjuntos de conteúdos e apropriação pelos indivíduos gera processos que vão configurando uma determinada dinâmica ou sistema comunicativo. Embora a exposição das informações ou a publicização da mensagem possa ser tecnicamente a mesma para qualquer indivíduo ou agente que se aproprie das ferramentas do ciberespaço, principalmente na Internet, há diferenças expressivas no fluxo de recepção destes conteúdos pela audiência em potencial. Primeiramente, o fluxo da informação nem sempre está aberto e nem sempre está disponível a qualquer usuário: há, no âmbito da Rede, sistemas que limitam determinados acessos mediante senhas, IPs, ou outros protocolos, com ambientes fechados ou restritos a usuários específicos (como é caso de listas de discussão não-públicas; redes de relacionamento como o Orkut; acesso à conteúdo de determinados portais na *web* etc). Segundo, este fluxo comunicativo nem sempre é livre de mediações: em diversos casos há moderadores ou intermediários que controlam ou dispõe sobre este tráfego de dados ou mensagens (como ocorre em *chats*, fóruns *on line* ou comentários em *blogs* e outros *sites* que sustentam a existência de um filtro ou indivíduo que avalia o conteúdo da informação e decide sobre a sua publicação naquele ambiente). Terceiro, há concentrações expressivas da audiência na Internet (WEBSTER & LIN, 2002), onde mecanismos de legitimidade, necessidades do usuários ou situações conjunturais podem assegurar um alto grau de visibilidade de terminado *site*, portal ou conteúdo.

Estas peculiaridades do fluxo comunicativo na Rede estabelecem o que pode ser chamado de uma economia de trocas comunicativas ou, usando uma outra metáfora, um jogo de trocas simbólicas que contém suas regras, sua lógica, seus espaços de gratificações e suas

¹⁷ Pesquisas de sondagens e focais estarão mais concentradas neste nó metodológico, seja através das análises sócio-culturais do contexto de recepção, seja pela análise de como determinado grupo exposto à utilização da Rede repercute a sua apropriação no discurso social, ou seja através de amostragens significativas de opinião espontânea sobre o modo como o indivíduo faz este uso.

relações de poder. Constitui-se aqui um dos pontos-chaves da pesquisa empírica na área por completar a amarração e as intersecções entre os outros vetores identificados.

Nem todo estudo empírico necessita se debruçar ou resolver as questões subjacentes a cada um desses quatro nós aqui pontuados. Porém, de algum modo, tais elementos estão postos tanto no fundo de tais pesquisas como em seu horizonte. Precisam ser, pelo menos, percebidos como tal. Em muitos casos, embora haja ênfase na análise em um desses nós (o que é plenamente legítimo), a percepção de que há outras questões de fundo subjacentes a ele pode ajudar a compreender melhor determinados fenômenos¹⁸.

Diante do crescimento do volume dos estudos empíricos na área e a busca por uma maior maturidade no método de coleta de dados, a elaboração de estudos pragmáticos necessita observar a existência desses vetores-chaves. Torna-se importante se ter em mente que a própria estruturação da metodologia de pesquisa precisa pensar sobre qual o papel desses nós no objeto analisado.

Conclusão

Este trabalho foi uma tentativa de delinear, ainda que de modo sintético, os contornos contemporâneos da pesquisa empírica em comunicação e cibercultura. Longe de querer elaborar uma genealogia deste segmento, o objetivo aqui foi traçar um sucinto quadro, identificando possíveis fases de tais estudos, elencando os *fronts* metodológicos que podem ser considerados hoje mais recorrentes e pontuando a importância de se observar alguns vetores ou nós metodológicos inerentes à complexidade desses estudos, que podem ser úteis na estruturação do método de coleta e análise de dados.

Embora possamos identificar algumas fases, estágios ou idades dos estudos em comunicação e cibercultura principalmente nas últimas 2 décadas, tais fases não devem ser vistas como terminantes em si ou totalmente suplantadas pelos estágios posteriores: elas

¹⁸ Por exemplo, as repercussões sociais, culturais, política ou econômicas de determinado conteúdo, ferramenta ou mensagens na Rede nem sempre são explicadas apenas pela análise da estruturação deste conteúdo no ciberespaço e suas peculiaridades. As implicações do *design* do meio, das apropriações dos indivíduos e da economia de trocas comunicativas estabelecidas em torno deste conteúdo pode esclarecer ou apontar determinadas questões.

coexistem, embora o ápice de cada uma possa ter ocorrido em determinado período. Sobretudo, é importante notar que houve (e continua havendo) transformações da pesquisa empírica na área, o que ainda não significaria necessariamente concluir que há hoje uma maturidade estabelecida. Este deslocamento, sincronizado pela própria complexificação do objeto no tempo, alimentou o desenvolvimento de alguns *fronts* de pesquisas, que foram aqui sintentizados em cinco eixos de abordagens (estudos cartográficos, etnográficos, de sondagens, focais, textuais e comparativos). Tais abordagens empíricas não representam necessariamente modelos herméticos de pesquisa. São, antes de tudo, modos de prospectar os fenômenos emergentes no campo. Também não são formas puras ou solitárias: elas podem coexistir numa mesma pesquisa sem problemas ou conflitos, inclusive se complementando em muitos casos. Percebê-las significa clarear melhor o leque de abordagens metodológicas que se tem à disposição hoje, ganhando maior visibilidade dos caminhos que estão sendo adotados ou que podem ser projetados no direcionamento de determinado estudo.

Pensar no deslocamento da pesquisa empírica sobre o tempo, em seus estágios, complexidade, coexistência de modelos recorrentes de abordagem metodológica significa pensar também nos entraves, dilemas e problemáticas inerentes a esta trajetória. Neste sentido, a preocupação com os vetores-chaves – *design*, conteúdo, apropriação e fluxo - produz um olhar mais cuidadoso, voltando-se para as bases e os nós que atravessam os caminhos e os horizontes das análises empíricas. A observância mais detalhada de cada um desses vetores no fenômeno analisado, pode ajudar a compreender melhor o cerne e o entorno do objeto, repercutindo na elaboração de ferramentas metodológicas mais precisas e mais cientes dos problemas e das barreiras deste percurso científico.

Referências:

BECKERS, D., BESSELAAR, P. van den. e MELIS, I. Digital cities: organization, content, and use. In: ISHIDA, T. ; ISBISTER, K. (Org.). **Digital Cities**: experiences, technologies and future perspectives. Berlin: Lecture Notes in Computer Science, 2000, p. 18-32 (Vol. 1765)

- BOUWMAN, H. & WIJNGAERT, Lidwien Van De. Content and context: an exploration of the basic characteristics of information needs. **New Media & Society**, 4(3), p. 329–353, 2002
- BRUCE, Harry. Perceptions of the Internet: what people think when they search the Internet for information. **Electronic Networking Applications and Policy**, 9 (3), p. 187–199, 1999
- BUCHSTEIN, Hubertus. Bytes that Bite: the Internet and deliberative democracy. **Constellations**, 4 (2), p. 248-263, 1997
- CAMPBELL, John Edward. Outing PlanetOut: surveillance, gay marketing and internet affinity portals. **New Media & Society**, 7 (5), p. 663 – 683, 2005
- CAMPBELL, ALEX. The search for authenticity: An exploration of an online skinhead newsgroup. **New Media & Society**, 8(2), p. 269–294, 2006
- CAREY, James W. Historical pragmatism and the internet. **New media & Society**, 7(4), p. 443–455, 2005
- CONWAY, Maura. Reality Bytes: Cyberterrorism and Terrorist 'Use' of the Internet. **Peer-Reviewed Journal on the Internet**, 7 (11), 2002
- CROWSTON, K. & WILLIAMS, M. Reproduced and Emergent Genres of Communication on the World Wide Web, **The Information Society**, 16(3), p. 201–15, 2000
- DAHLBERG, Lincoln. Extending the public Sphere through cyberspace: the case of Minnesota e-democracy. **Peer-reviewed Journal on the Internet**, 6 (3), 2001
- DEAN, J. Why the Net is not a Public Sphere. **Constellations**, 10 (1), p. 95-112, 2003.
- DUTTA-BERGMAN, M. J. Complementarity in consumption of news types across traditional and New Media. **Journal of Broadcasting & electronic Media**, 48 (1), p. 41-60, 2004
- EASTIN, M.S; YANG, Mong Shan & NATHANSON, A.I. Children of the Net: an empirical exploration into the evaluation of internet content. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, 50 (2), p. 211-230, 2006
- ERICA, European Research into Consumer Affairs. **Popular children's websites: How suitable are they?** 2004 disponível em: http://www.net-consumers.org/erica/files/child_webs.pdf <acesso em 15 dez/2006>
- FREY, Klaus. Governança eletrônica: experiências de cidades européias e algumas lições para países em desenvolvimento. In: EISENBERG, J. ; CEPIK, M. (Org.) **Internet e**

Política: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 141 –163.

JOHNSON, Thomas J; BRAIMA, Mahmoud A. M.; SOTHIRAJAH, Jayanthi. Doing the traditional media sidestep: Comparing the effects of the Internet. **Journalism and Mass Communication Quarterly**, 76 (1), 1999

KANAYAMA, Tomoko. Ethnographic Research on the Experience of Japanese Elderly People Online. **New Media & Society**, 5, p. 267 – 288, 2003

KATZ , James E. & SUGIYAMA, Satomi. Mobile phones as fashion statements: evidence from student surveys in the US and Japan. **New Media & Society**, 8 (2), p. 321-337, 2006

KAYANY, Joseph M. & YELSMA, Paul. Displacement effects of online media in the socio-technical context of households. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, 44(2), p. 215-229, 2000

KENSKI, Kate & STROUD, Natalie J. Connections between internet use and political Efficacy, knowledge and participation. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, 50 (2), p. 173-192, 2006

LaROSE, Robert & EASTIN, Matthew S. A social cognitive theory of internet uses and gratifications: toward a new model of media attendance. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, 48 (3), p. 358-377, 2004

LEMOS, A. MAMEDE, J.; NÓBREGA, R. SILVA, S.P. da; MEIRELLES, L. Cidade, Tecnologia e Interface. Análise de Interfaces de Portais Governamentais Brasileiros. Uma proposta metodológica. **Revista Fronteiras: Estudo Midiático**, 6(2), pp: 117-136, 2004.

LEMOS, André. **O imaginário da cibercultura. entre neo-luddismo, tecno-utopia, tecnorealismo e tecnosurrealismo**, 1999. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/imaginario.htm> <acesso, dez/2006>

LIEVROUW, Leah A. & LIVINGSTONE, Sonia. The Social Shaping and Consequences of ICTs. Em: **Handbook of new media: social shaping and consequences of ICTs**. Leah A. Lievrouw e Sonia Livingstone (orgs). London, Thousand Oaks e New Delhi: Sage Publications, 2002. pp. 1-15

MITRA, Ananda. Characteristics of the WWW Text: Tracing Discursive Strategies, **Journal of Computer-mediated Communication**, 5(1), 1999

OLSSON, Tobias. Appropriating civic information and communication technology: a critical study of Swedish ICT policy visions. **New Media & Society**, 18(4), p. 611–627, 2006

- PALFREYMAN, David & KHALIL, Muhamed al. A Funky Language for Teenzz to Use: Representing Gulf Arabic in Instant Messaging. **Journal of Computer-mediated communication**, 9 (1), 2003
- PARK, Han Woo. Examining the Determinants of Who is Hyperlinked to Whom: A Survey of Webmasters in Korea. **Peer-Reviewed Journal on the Internet**, 7 (11), 2002
- PARKS, M. & FLOYD, K. Making Friends in Cyberspace. **Journal of Computer mediated Communication**, 1(4), 1996
- POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura**. São Paulo: Nobel, 1992
- RICHARDSON, Margaret; WEAVER, C. Kay; ZORN- JR, Theodore E. 'Getting on': older New Zealanders' perceptions of computing. **New Media & Society**, 7(2), p. 219–245, 2005
- SCHMIDTKE, Oliver. Berlin in the Net: prospects for cyberdemocracy from above and from below. In: TSAGAROUSIANOU, R; TAMBINI, D.; BRYAN, C. (Org.) **Cyberdemocracy: Technology, cities and civic networks**. London: Routledge, p. 60-83, 1998
- SILVA, Sivaldo Pereira da. Graus de Participação democrática no uso da Internet pelos governos das capitais brasileiras. **Opinião Pública**, 11, p. 450-468, 2005
- SMITH, C. Casting the Net: Surveying an Internet population. **Journal of Computer-mediated Communication**, 3 (1), 1997
- SPINELLI, Martin. Democratic rhetoric and emergent media: the marketing of participatory community on radio and the Internet. **International Journal of Cultural Studies**, 3 (2), p. 268-278, 2000
- STROMER-GALLEY, J. & FOOT, K.A. Citizen Perceptions of Online Interactivity and Implications for Political Campaign Communication, **Journal of Computer-mediated Communication**, 8(1), 2002
- TANNER, E. Chilean conversations: Internet forum participants debate Augusto Pinochet's. **Journal of Communication**, 51 (2), 2001
- TEO, Thompson S.H. Demographic and motivation variables associated with Internet usage activities. **Internet Research: Electronic Networking Applications and Policy**. 11(2), p. 125-137, 2001
- VALKENBURG, Patti M.; SCHOUTEN, Alexander P.; PETER, Jochen. Adolescents' identity experiments on the internet. **New Media & Society**, 17(3), p. 383–402, 2005
- VIRILIO, Paul. **A Bomba Informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999

WEARE, C.; MUSSO, J.A.; HALE, M.L. Electronic and the diffusion of municipal web pages in California. **Administration & Society**, 31(1), p. 3-27, 1999

WEAVER, David & KIM, Sung Tae. Communication research about the internet: a thematic meta-analysis. **New Media & Society**. 4(4), p. 518–538, 2002

WEBSTER, James G. & LIN, Shu-Fang. The internet audience: web use as mass behavior. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, 46 (1), p.-1-12, 2002

WHITE, Michele. Television and Internet Differences by Design: Rendering Liveness, Presence, and Lived Space. **The International Journal of Research into New Media Technologies**, 12(3), p. 341–355, 2006

WILHELM, Anthony G. Virtual sounding boards: how deliberative is online political discussion. In: HAGUE, B.; LOADER, B.D. (Org.). **Digital Democracy: discourse and decision Making in the Information Age**. London: Routledge, 1999. p. 154-178.

WILSON, Tony; HAMZAH, azizah; Khattab, UMI. The ‘cultural technology of clicking’ in the hypertext era: urnalism reception in Malaysia. **New Media & Society**, 5(4), p. 523–545, 2003

WOLTON, Dominique. **E depois da Internet?** Para uma teoria crítica dos novos mídias. Algés: Difel, 2001

YUN, G.W. & TRUMBO, C. Comparative Response to a survey executed by post, e-mail and web form. **Journal of Computer-mediated Communication**, 6(1), 2000